"Visões da SP Darwin; visão nº1 - O Muro"

Josiel Vieira

<u>"Visões da SP Darwin; visão nº1 - O Muro"</u>

.
.
.

Sol das sete da manhã paulista de novembro, uma mancha dourada na névoa marrom, tempo bem seco e quente. A sensação de calor é insuportável, o ar já tremula; é quase inacreditável que seja mesmo sete da manhã.

UNIDADE BLINDADA

AVIBRÁS FW-1 "MAPINGUARI"

tipo: *armadura robótica tripulada; armamento e desempenho compatível com a função de veículo de combate principal.*

altura: *sete metros.*

blindagem: *500 milímetros, material composto e reativo inteligente à prova de mísseis de carga oca e/ou armamentos similares disparados por infantaria ou vetores aéreos.*

tripulação: *dois, em assentos em "tandem" no interior blindado do tórax. A tripulação consiste em: 1 - comandante da unidade e 2 - atirador.*

armamento: *tórax em forma de torre de tanque de guerra com rotação de 360 graus com um canhão pesado modelo Petrobrás/Armas capaz de disparar diversos tipos de raios de longo alcance; braços da armadura capazes de segurar diversos tipos de armas em formato de rifle. Usualmente é empregado um canhão em forma de rifle modelo Taurus BFG, de três metros de comprimento e calibre 150 milímetros, com diversas configurações de munição. Em geral, a munição padrão é a granada de fragmentação antipessoal guiada pelo calor humano com tecnologia inteligente capaz de refinar engodos e iscas artificiais. Uma única granada de fragmentação Imbel-Carcará M-40 A1 espalha minibombas guiadas que saturam uma área de um quilômetro quadrado. O canhão Taurus BFG nesta configuração é alimentado com 500 granadas.*

aviônica: *sensores diversos espalhados por todo o corpo blindado. O principal é um periscópio em forma de cabeça, com o qual o comandante vasculha o terreno e designa os alvos para o atirador. Essa cabeça é basculante e é por ela que a tripulação tem acesso ao interior da unidade, após escalarem degraus retráteis ao longo da lateral da Unidade Blindada.*

velocidade: *em marcha normal: 20km/h*

em marcha acelerada: 80km/h

A cabine da tripulação é giroestabilizada e conta com suspensão ativa microscópica, capaz de absorver todos os impactos provenientes da marcha em qualquer velocidade.

Ao longe, na linha de fuga do horizonte, o cinza de poluição do céu matutino se fundia com o cinza do Muro.

O Muro tinha vinte metros de altura e se estendia por dezenas e dezenas de quilômetros.

Ele era feito com material cerâmico de última geração e rejuntado com preconceito.

O Muro separava certa parte da cidade de São Paulo do resto.

Para facilitar as coisas, ele seguia o curso dos rios-esgoto famosos: a norte, fazia divisas com um trecho do rio Tietê; a leste, seguia o Tamanduateí, ocupando boa parte do que antes fora a Avenida do Estado; a sudeste, seguia o curso do rio Ipiranga, até englobar o jardim zoológico; a sul fazia limites com a represa Billings, e a oeste acompanhava o curso do rio Pinheiros.

Formou-se assim um quadrilátero blindado seguro onde imperava a prosperidade e a vida em seu mais alto nível. O resto da cidade foi entregue à sua própria sorte. Com o abandono declarado, as facções criminosas progrediram e viraram forças paramilitares que travavam verdadeiras guerras civis pelo controle do tráfico de drogas, da prostituição e da pirataria. Entre o fogo cruzado, a população vivia e morria.

Dentro do quadrilátero paulista, prédios belíssimos, como se fossem delicados bibelôs de cristal, num ambiente urbano totalmente planejado visando unicamente o bem estar dos seus habitantes. A infra-estrutura era exemplar, com transporte público de qualidade, saúde pública bastante elogiada, coleta de lixo eficiente com total reciclagem e todos os demais mimos

politicamente corretos que uma metrópole de ponta pode ter. Os paulistas de dentro do quadrilátero conviviam um ambiente que estimulava que desenvolvessem suas potencialidades ao máximo. A economia era forte, bem como a pesquisa científica e as belas artes. Vivia-se um ambiente descontraído, onde todos podiam expressar sua opinião. A guarda municipal fazia bucólicas rondas em seus patinetes voadores. Tudo era limpo e bonito, todos eram iguais em direito e viviam felizes. Algumas partes "feias" que existiam antes da construção do Muro, como a “Cracolândia” e a região do parque D. Pedro, foram rapidamente demolidas e transformadas em condomínios de alto luxo ou em centros culturais ou museus para lembrarem às novas gerações de como era terrível a vida para as pessoas decentes de São Paulo antes da construção do Grande Muro. E foi criado uma nova e moderna Cidade Universitária da USP dentro do quadrilátero. O antigo campus, do outro lado do rio Pinheiros, fora abandonado. Alguns cursos de humanas foram mantidos no antigo campus, visando unicamente sua extinção desses cursos.

Aliás, tudo fora do quadrilátero fora abandonado.

Havia poucas portas de acesso no Muro – e, a bem da verdade, a única porta certa para se entrar era ter dinheiro, muito dinheiro. E todo o seu perímetro exterior era guardado pelas monstruosas unidades blindadas da polícia, que dissuadiam qualquer tentativa de entrada ilegal. Como pessoas liberais e democráticas precisavam de um muro daqueles para viver? Como podiam compactuar com um muro, com uma estrutura daquelas? Era o preço da liberdade, os paulistas de dentro do muro respondiam. E citavam outros lugares do mundo, lugares decentes e civilizados, que precisaram de muros para se defender do terrorismo e dos imigrantes ilegais.

E foi mais ou menos assim que o governo conseguiu criar uma cidade livre de camelôs, mendigos e meninos e rua.

....

Após marchar ao longo do Muro de maneira ameaçadora, a unidade blindada foi parando lentamente a caminhada - e, ao fazer isso, os ruídos e chiados que emanava eram como os de uma locomotiva a vapor chegando

numa plataforma. Até que parou totalmente, e ficou solidamente imóvel como um gigante grotesco, segurando com as duas mãos, numa postura vigilante, o canhão em forma de rifle. Os ângulos abruptos da carcaça da unidade blindada e sua camuflagem cor de areia de deserto davam a impressão de ser um estranho tanque de guerra em forma de robô.

Ela ficou assim parada, de costas para o muro, tendo à sua frente o resto da cidade. E o sol, difuso, nevoento, mas ainda assim muito bonito.

A cabeça basculante se abriu para frente.

Duas figuras saíram pela escotilha aberta.

Os dois soldados, comandante e atirador, se sentaram na borda da escotilha. Vestiam uniformes com camuflagem cinza, azul e preta.

Tiraram os capacetes de visor negro. As caras estavam suadas, embora ainda fosse início de manhã. Com o aquecimento global, o termômetro já registrava trinta e cinco graus à sombra. Ainda assim, era bela a manhã, isso eles viam, sentados como estavam no alto da máquina de guerra.

- É o que eu estou dizendo; de vez em quando a gente tem de pular a cerca para se sentir vivo - disse o comandante, enxugando o suor do rosto com a mão. O jovem atirador estava distante, olhando para o horizonte indistinto, composto por várias faixas cinzentas, por trás de onde o sol despontava.

- Como disse? - o atirador perguntou.

- Ah, desculpe, essa gíria é antiga, não é do seu tempo. Pular a cerca, pular a cerca, vejamos... - o comandante de cara dura e severa, e cabelos grisalhos cortados quase rente, olhou para cima como a procurar, com dificuldade, as palavras certas para a explicação - pular a cerca é quando a

gente faz alguma coisa que a nossa razão não aprova, mas que o nosso instinto quer. Entendeu?

Com o olhar perdido no horizonte sem fim e desconhecido, o jovem atirador apontou a mão para lá:

- "Pular a cerca" poderia ser então querer viver lá longe?

O comandante engasgou, tossiu e quase caiu de cima da unidade blindada:

- Com todos os diabos! Filho, isso é uma grande bobagem, mesmo dita de brincadeira.

Um silêncio.

- Dentro do muro... dentro desta armadura!... é que estamos protegidos - o comandante completou. A vida só é possível com proteção.

- Mas e aquela história de "pular a cerca"?

- Você entendeu tudo errado, garoto. Vamos, esqueça essas tolices.

O jovem atirador olhou o horizonte.

Horizonte amplo, livre de muros, selvagem.

Ele respirou fundo.

Ele tinha conhecido uma pessoa especial na internet.

Compartilhavam os mesmos gostos, as mesmas manias.

Ele se apaixonou de verdade.

Mas a pessoa vivia do lado de fora do Muro.

Ele cerrou os dentes. Fechou os punhos. Olhou para baixo. Teria coragem? Teria coragem de desertar? De fugir para viver perto do seu amor? Era um risco, era um pulo perigo nas cercas que o prendiam desde que nascera, cercas que o prendiam numa democracia que aprisionava, e como isso era possível? Dentro do muro, ele era livre apenas para continuar dentro do muro, e ele só era livre enquanto estivesse dentro do Muro - bem, ao menos isso era o que diziam. E os muros reais e invisíveis criavam um estranho mosaico onde sua alma se partia em cacos, incapazes de se reunir e de lhe darem coragem.

Coragem para quê?

- Chega. Vamos voltar para dentro. Aqui fora estamos muito desprotegidos.

Foi um instante de hesitação. Um instante onde todas as possibilidades se fundiam numa só.

Ele podia. Ele podia.

- Vamos logo, garoto! Não temos o dia todo. Temos uma longa ronda ainda pela frente - o comandante disse, já dentro da unidade blindada.

Coragem! Coragem! Você consegue!

Um momento depois, estava dentro da máquina de guerra. Tinha desistido de fugir.

A cabeça basculante da unidade blindada voltou à posição normal. Chiando e soltando vapores como uma locomotiva, ela voltou a caminhar, causando estrondos a cada passo, sempre segurando o monstruoso canhão entre as mãos.

O habitáculo era totalmente negro e oval, e o assento do comandante ficava acima do assento do atirador. Apenas algumas luzess quebravam a escuridão assustadora em que estavam imersos. Todas as informações, diagramas, gráficos e demais dados de navegação e operação eram passadas diretamente para a retina dos dois.

Notando o silêncio do jovem atirador, o comandante perguntou:

- Ei, o que há?

- Nada - embaixo dele o atirador murmurou de forma quase imperceptível.

- Hei. Eu sei que há alguma coisa errada. Conte aqui para esse velho aqui.

- É que eu queria viver num mundo onde a gente pudesse viver livremente. Sem tantos muros, sem tanta necessidade de proteção.

O comandante suspirou:

- Meu jovem, o seu problema é que você é jovem demais. Não adianta sonhar, rapaz! Os sonhos não levam a lugar nenhum. Seu coração é mole demais. Logo, logo, a vida vai ensinar algumas coisinhas. Logo, seu coração

vai se tornar duro e insensível como a blindagem desse tanque. E Você vai agradecer quando esse momento chegar. Infelizmente, o mundo é assim, rapaz!Temos de nos proteger o tempo inteiro, para nossa própria sobrevivência! Eu já vi o quanto o mundo é podre; com as mãos dessa máquina de guerra eu já esmaguei muita gente que queria entrar ilegalmente. Ouça o que eu digo: chegará o dia em que você agradecerá por pertencer aos privilegiados que estão do lado de dentro do muro. Por enquanto, agradeça por estar aqui dentro, sem precisar se arriscar por aí neste mundo cruel. Aqui você está tão seguro quanto na barriga de sua mãe. Aqui nada pode fazer-nos mal. Chego a pensar que essa armadura é como um coração embrutecido. Nada conhecido pode atingir um coração duro e frio. É por isso que as pessoas de dentro do Muro são tão frias. A frieza é um indício de civilidade e de estudo. Veja os europeus, como os suecos, franceses, austríacos! Tão civilizados, tão refinados e tão frios. Finalmente conseguimos ser iguais a eles. Somente as pessoas sem estudo e pobres vivem alegres o tempo inteiro como idiotas e riem de coisas estúpidas.

.

.

.

O disparo atingiu a unidade blindada bem no tórax. Ela parou, as pernas robóticas bambearam. Como se fosse um gigante que tivesse sido atingido, ela tombou para frente, e, ao atingir o solo, explodiu em mil pedaços.

No topo de alguns prédios abandonados, sujos e sucateados do resto da cidade, homens barbudos e esqueléticos comemoravam a destruição do alvo, um deles segurando com os dois braços, e acima da cabeça, a arma usada no atentado:

FUZIL DE HIPER VELOCIDADE

"Curumim"

arma individual antitanque

comprimento do cano: um metro e meio

peso: dez quilos

velocidade do projétil: 5 km/s

cadência: um tiro a cada dez minutos, devido ao superaquecimento do cano.

mira telescópica.

alcance do projétil: dez quilômetros.

projétil perfurador especialmente projetado para perfurar blindagens da classe FW-1 "Mapinguari"

FIM

Considerações sobre SP Darwin:

Creio que o melhor de um certo tipo de ficção científica não é o que o escritor consegue prever - mas o que ele consegue evitar com sua previsão.

É como se o escritor disse:"olhem, se nada for feito, possivelmente as coisas chegarão neste ponto!"

.

.

.

Desde 1997 eu tenho visões tenebrosas sobre o futuro de SP.

Essas visões, a que eu chamo de SP Darwin, remetem a um futuro cruel e excludente.

São visões baseadas na minha observação do centro da cidade, onde as pessoas pobres são deixadas ao acaso.

São várias visões que tenho sobre essa sp tenebrosa, cada uma sobre um assunto específico.

Espero sinceramente que nenhuma delas aconteça.

Vou começar a por no papel cada uma delas. Acabo de escrever a primeira visão, que é sobre um muro. Embora esse assunto já tenha aparecido em outros dois contos anteriores - "Damasco" de 2001 e "Ok, rapazes..." de 2002, esses contos se passam em lugares genéricos. Essa aqui é a primeira vez que SP é citada nominalmente.

Eu ainda tenho algumas visões a serem escritas, a respeito dos meninos de rua, das prostitutas, dos camelôs... aos poucos vou colocar tudo no papel.

Abraços a todos,

Josiel